

O Inventar e a Instituição (Um efeito não toda?)

Por Arlete Mourão
Abril/2007

“Inventar em Análise” foi o título que nos ocorreu, em IPB, como resposta à Convocatória do 3º. Congresso de Convergência, cujo tema é “Testemunhar a experiência do Inconsciente”. Tal resposta pressupõe uma conexão entre “inventar” e “testemunhar”.

Não há dúvida de que a noção lacaniana de “invenção”¹ se aplica à possibilidade resultante de um final de análise. Refiro-me à passagem de analisando a analista, a partir da qual torna-se viável um “*savoir-faire*” analítico, sinônimo de um saber fazer outra coisa com a falta, com a castração. Isso significa não mais colocar o outrem no lugar de Outro, esperando vir daí a satisfação para demandas de sentido [para o ser] – via amor e reconhecimento. O “*savoir faire*” depende de uma posição fora do sentido, posição de destituição subjetiva. Ora, como testemunhar isso?

Sabemos que um “testemunho” só é possível quando algo é colocado em ato. Sabemos, também, que a posição de destituição subjetiva, correlata à “identificação ao *sinthome*”, é uma posição fora do campo do significante, fora da fala. Então, “falar disso”, para testemunhá-lo, pode significar não um ato, mas um *acting-out* – um retorno a uma “instituição subjetiva”; uma re-colagem ao fantasma.

Em termos de ato, é necessário considerar a perspectiva do “ato analítico”, em seus efeitos para o analisando. Se existe um testemunho possível da experiência, ele só pode vir como efeito dos atos analíticos promovidos pelo analista dentro da sua clínica. O que torna o “testemunhar a experiência do inconsciente” algo de foro privado, tanto para o analista quanto para o analisando.

Entretanto, pode-se pensar em uma outra forma de testemunho sobre esses “efeitos de foro privado”, no campo da Psicanálise, por exemplo, nos atos de transmissão da Psicanálise, na instituição psicanalítica. A meu ver, tais efeitos, podem “aparecer” dentro das instituições, como “efeito dominó”, sempre que ali existirem lugares que “acolham” a fala, as produções, as intervenções de seus participantes. Essas produções são “falas indiretas” sobre efeitos de análise, que conseguem – de forma também indireta e sem esse objetivo – testemunhar sobre experiências com o inconsciente (ou não).

Na instituição, os “lugares que acolhem” essas falas indiretas correspondem às atividades institucionais e a sua forma de funcionamento – por exemplo, uma forma de enlace que articule diferenças, “levando em conta a singularidade do desejo de cada um,

¹ Inventar em Psicanálise levanta, de imediato, a oposição teórico/clínica criação X invenção. A “criação” foi a idéia ou conceito eleito por Lacan para falar da metáfora na criação de um “novo sentido” para o significante da falta (o falo), metáfora essa que institui o sujeito, o sintoma e o desejo (no processo de subjetivação). Tratam-se aí das referências feitas especialmente no Seminário 5, com as etapas do Édipo e o grafo do desejo.

Já a “invenção” foi a expressão utilizada por Lacan mais ao final de sua obra, em especial nos Seminários 21, 22 e 23, para falar do “saber fazer com” (*savoir faire*), isto é “saber fazer outra coisa com o sintoma”, o que é sinônimo de uma “identificação ao sintoma” – sintoma enquanto letra e não significante. No primeiro caso (criação), trata-se de uma substituição significante, criando-se um novo sentido (com novo significante) para a falta simbólica (sintoma). No segundo caso, trata-se não de substituir, mas de inventar um novo modo de lidar com a letra inscrita pela falta real (*sinthome*): fazer outra coisa com a angústia. Essa perspectiva é relativa não a uma subjetivação (da falta), mas de uma des-subjetivação.

que, aí (nesse funcionamento), inscreve-se em nome próprio”². Não seria essa uma lógica da ordem da invenção, da sustentação da castração?

Em certa medida, nossa instituição, IPB, pode ser uma referência disso. Não se poderia afirmar que, no decorrer dos seus nove anos de sustentação, seu funcionamento, que exige uma construção diária “a duras penas”, revela princípios da ordem da “invenção”: de um saber fazer outra coisa com os sintomas de seus participantes, que não simplesmente formações defensivas “tamponadoras” da castração?

Em IPB, entre outras coisas, principalmente as diferenças (de locais, de percursos, de arranjos de estudos, de estilos, etc.) delimitam furos, vazios, não sentidos, depondo sobre o enodamento de uma dimensão Real em vigência na instituição – Real gerador de angústia em muitos momentos, especialmente, naqueles em que temos de nos haver com nossos limites, por exemplo, com a atipicidade dos nossos moldes administrativos e suas implicações.

Um dos resultados disso, ou seja, do “suportar” esse Real, preservado na forma de funcionamento institucional, pode ser lido e/ou escutado na possibilidade de transmissão da Psicanálise, que ocorre de fato em IPB, fora da perspectiva de um Discurso de Mestre. Entre os participantes, essa possibilidade chega como um “efeito de transmissão”, do qual cada um de nós tem podido usufruir e testemunhar. Testemunho indireto de experiências do inconsciente?

Assim, tomando por base nossa experiência, não seria possível sustentarmos a tese de que “transmitir a Psicanálise em ato”, institucionalmente, é uma forma indireta de transmitir a experiência do inconsciente? Essa forma não é formal, correspondendo apenas à “garantia de um espaço”, inclusive, virtual, onde todos – e cada um, um a um – podem tomar a palavra, escrita ou falada³. Isso tem formado uma rede de transferências de trabalho, por cujas tramas a Psicanálise passa sem que seja preciso formalizar politicamente um dispositivo para essa passagem. No lugar do formalizar, cabe à instituição cultivar, cuidadosamente e/ou analiticamente, a qualidade desse espaço, mantendo-o sempre aberto, como um buraco de ventilação, de transmissão da Psicanálise.

Uma formulação dessa tese seria: se existe algo que pode garantir, testemunhando, o “analítico do analista” e/ou da instituição analítica, dentro de um discurso propriamente analítico e não de mestria, ele se refere à possibilidade de passagem (e não de passe), de transmissão da Psicanálise, mediante a exposição espontânea da fala, das produções de seus participantes. Essas produções/elaborações depõem informalmente sobre percursos analíticos, constituindo-se como conseqüências lógicas, resultados *a posteriori*, efeitos de experiências com o inconsciente. À instituição, elas convocam não um dispositivo formal, mas o cuidado com o espaço que as acolha, as contemple, interseccionando suas diferenças.

² Termos da Carta de Princípios de IPB.

³ Em IPB, esse espaço é delimitado pelas nossas atividades, reuniões, Simpósios e, inclusive, por ipb-lista – cuja função não é a de “recados”, mas, fundamentalmente, de discussões (por isso, é preciso cuidarmos com carinho dessa nossa forma de comunicação, resgatando seu objetivo original).